

PROJETO *CAIXA DA LEITURA*: UMA INICIATIVA DE VALORIZAÇÃO DA LEITURA NO CEFET-PI / UNED-FLORIANO

Claudio Marzo Cavalcanti de BRITO

CEFET-PI / UNED-Florianópolis
Rua Francisco Urquiza Machado, 462 – Meladão – Florianópolis-PI – 64.800-000
marzo_claudio@hotmail.com

O Projeto *Caixa da Leitura* foi desenvolvido a partir de uma pesquisa realizada entre estudantes do Curso Técnico em Eletromecânica do CEFET-PI / UNED-Florianópolis, a qual mostrou que 58,7 % dos entrevistados não liam livros literários, e que somente 11,6 % liam acima da média *per capita* de leitura por vontade e escolha própria no Brasil (1,3 livro por ano). O projeto buscou a valorização da leitura não somente pela capacidade interpretativa de textos, mas também pela oralidade e sonoridade associadas às palavras, trabalhando os quatro elementos básicos da linguagem (leitura, fala, escrita e audição). Consistiu de quatro ações básicas: 1) Leitura em Sala de Aula: duas vezes por semana, em uma disciplina do 3º ano do Curso Técnico de Nível Médio Integrado em Eletromecânica, os alunos eram liberados para ler textos diversificados (literários, cordéis, revistas, gibis, etc), durante 15 minutos; 2) Empréstimo de Livros, por no máximo 15 dias; 3) Laboratório de Reflexão: documentários que abordam temas existenciais foram vistos e debatidos, e textos foram produzidos; 4) Cinema Adaptado: adaptações cinematográficas de obras literárias, colocadas à disposição dos alunos, foram exibidas e debatidas. O resultado do projeto foi expressivo: os alunos começaram a ler dois livros por mês.

Palavras-chave: valorização da leitura, incentivo à leitura, livros literários.

1. INTRODUÇÃO

A pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, do Instituto Pró-Livro, realizada no final de 2007 e divulgada em maio de 2008, comprova que o brasileiro lê muito pouco – são 4,7 livros por ano, mas apenas 1,3 livro é lido por vontade e escolha própria, o restante (3,4 livros por ano) são livros recomendados pela escola – em sua grande maioria, livros didáticos, considerados “obrigatórios” (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2008, p. 117). O Brasil fica atrás da grande maioria dos países satisfatoriamente alfabetizados, em relação à leitura por vontade e escolha própria (na França, a média é de 7,5 livros por habitante; na Argentina, 5,8). A principal razão para a baixa média brasileira de leitura talvez esteja associada a razões históricas: o Brasil, desde o seu descobrimento, apoiado durante quatro séculos pelo colonialismo serviçal, nunca teve uma política de educação para o povo, a qual permitisse que a grande maioria da população, composta de pobres analfabetos, pudesse ter acesso aos livros. Somente a partir da Proclamação da República a educação começou a tornar-se acessível para todos, mas muito lentamente. Logo, muito tardiamente, a grande parcela da população brasileira foi ter acesso a livros. Obviamente, não basta o acesso à leitura. Há que ser vencido, agora, este distanciamento que durante séculos separou a população brasileira da leitura, pois não foi estabelecida, culturalmente, uma relação de identificação do povo com os livros. O povo, de uma forma geral, não compreende como os livros poderiam mudar verdadeiramente a sua vida. Nas palavras do poeta gaúcho Mario Quintana, “Os livros não mudam o mundo, os livros mudam as pessoas. As pessoas é que mudam o mundo.” E o pior acontece no Brasil: uma geração de filhos cresce sem ver seus pais a ler. Filhos que não têm uma influência positiva em casa, em relação à leitura (a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil revela que 79 % das pessoas que têm o hábito de ler dizem ter sofrido influência do pai ou da mãe)

O escritor paraibano Ariano Suassuna, uma vez perguntado sobre quando havia iniciado seu hábito de leitura, respondeu que não tinha hábito de leitura, mas sim *paixão* pela leitura, como tinha paixão pela vida – nas palavras do escritor francês Gustave Flaubert, Suassuna precisa “ler para viver”. O mais interessante é observar que, de uma forma geral, as pessoas de quaisquer nações são capazes de identificar a importância da leitura, mas somente relacionada à obtenção de conhecimento. Muitos reconhecem que a leitura permite uma maior fluência oral e escrita, no entanto poucos associam a leitura a entretenimento, a lazer, a prazer, a uma oportunidade sentir e perceber a vida de forma diferente. No Brasil, pela pesquisa do Instituto Pró-Livro, 52% da população pode ser considerada leitora, pois leu pelo menos um livro (didático ou literário) nos últimos três meses antes da entrevista. Desses leitores, somente 4% disseram ler por prazer (a grande maioria lê para obter conhecimento, crescimento profissional, desenvolvimento cultural, sabedoria, etc). No entanto, no ambiente escolar, a grande maioria dos estudantes associa a leitura a obrigações escolares, deveres de classe, provas, etc. Isto porque a adoção praticamente *única* de livros paradidáticos permite que o aluno imediatamente associe a leitura de um livro a uma prova e, conseqüentemente, a uma nota. O livro se torna uma obrigação, um *dever* de casa; a leitura deverá ser realizada, caso contrário uma nota não será obtida. Neste ambiente de obrigação, torna-se difícil o estudante relaxar e ler, ou seja, a possibilidade de que ele relacione a leitura a um momento de lazer, de prazer, é mínima. Outro aspecto relevante a mencionar: mesmo quando a leitura é tratada de forma “séria”, muitos professores esquecem a importância de valorizar e de ensinar a leitura crítica, pois é por meio dela que o sujeito vai refletir e contestar as idéias dos textos, ou seja, o ato de ler envolve uma compreensão crítica que não se “esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo” (FREIRE, 2000, p. 13). Outro aspecto importante, referente à leitura crítica, é que a formação do leitor crítico está associada à leitura de diferentes livros, por alunos que podem falar de suas leituras e registrá-las, em geral mediados pelo professor (PIMENTEL, 2007, p.6), para, como na visão do escritor tcheco Franz Kafka, “ler para fazer perguntas”.

Pesquisa realizada na UNED-Florianópolis, entre 138 alunos do Curso Técnico em Eletromecânica (integrado, subsequente / concomitante e Proeja) da UNED-Florianópolis, em abril de 2008, mostrou que 58,7 % dos alunos não liam livros literários (romances, poesias, contos, crônicas, etc.), 29,7 % dos alunos estavam a ler um livro por ano, e 11,6 % liam dois ou mais livros por ano. Diante desse quadro preocupante, em que 88,4 % dos alunos encontram-se abaixo da média de leitura anual por vontade e escolha própria no Brasil (1,3 livro), o Projeto *Caixa da Leitura* foi desenvolvido na disciplina Sistemas Eletro-hidráulico-pneumáticos (60 h), em uma turma de 3º ano do Curso Técnico de Nível Médio Integrado em Eletromecânica, tendo como principal fonte de inspiração a experiência de valorização da leitura da Escola Estadual Padre Cristóforo Miskiv, da cidade de Prudentópolis, no Paraná. Nessa escola, em todas as disciplinas do ensino fundamental, são reservados 15 minutos de aula para que os alunos possam ler gibis, revistas, artigos ou livros (GUIMARÃES, 2007, p.1).

Estudos recentes mostram que, no Brasil, o incentivo à leitura ainda não apresenta uma sistemática padronizada nas escolas. Em geral, os professores que atuam no trabalho de valorização à leitura, em geral restrito ao ensino fundamental, são da área de Língua Portuguesa. Professores de outras áreas não se envolvem, muitos não percebem a importância do ato de ler. Ficam como observadores passivos a contemplar o desinteresse dos alunos pelos livros. Uma pesquisa realizada em várias escolas públicas, no estado de São Paulo, com 264 professores, mostrou que 43,2 % manifestaram não gostar de ler ou não ter o hábito de ler (KLEBIS, 2006, p. 32). A falta de contato com os livros é tão grande que, em muitas disciplinas, os alunos não querem estudar utilizando livros didáticos, mas sim por meio de apostilas ou notas de aulas. O escritor norte-americano Henry Miller certa vez disse que “a imaginação é a voz do atrevimento”. Ser atrevido é ser crítico, é ser elemento transformador, questionador dentro de uma sociedade muitas vezes passiva diante de injustiças e desigualdades sociais. O físico Albert Einstein sabiamente comentou, “A imaginação é mais importante que o conhecimento.” É mais importante porque ela, a imaginação, é responsável pela produção do conhecimento. A imaginação é a causa do efeito chamado conhecimento. E qual a melhor forma, do ponto de vista pedagógico, e até mesmo financeiro, de serem criados seres humanos criativos, imaginativos, do que a leitura de livros, sobretudo os literários?

O Projeto *Caixa da Leitura* tem como preceito o desenvolvimento, nos alunos, dos quatro elementos básicos da linguagem: leitura, fala, escrita e audição. Embora o projeto tenha como principal objetivo a valorização da leitura, esta é trabalhada para não somente desenvolver a capacidade interpretativa de textos, mas também para aprimorar a percepção crítica sobre a oralidade e a sonoridade associadas às palavras. Por isso, os alunos são estimulados a contar histórias, a ouvir músicas, a ver documentários e filmes, e escrever. O projeto consiste, basicamente, das seguintes ações de incentivo e valorização da leitura: 1) Leitura em Sala de Aula; 2) Empréstimo de Livros; 3) Laboratório de Reflexão; 4) Cinema Adaptado.

2. LEITURA EM SALA DE AULA

O Projeto *Caixa da Leitura* foi iniciado de forma bastante emblemática. O professor-mediador lecionou uma aula intitulada “Reflexões sobre a leitura”, em que foi discutida a realidade da leitura no Brasil e a importância do ato de ler, ressaltando que a leitura pouco está associada, no Brasil, a atividades de lazer e entretenimento. Então os primeiros livros do Projeto *Caixa da Leitura* foram apresentados em uma pequena caixa verde, simbolizando a cor da esperança. O projeto começou, em abril de 2008, com 40 livros, por ser a turma escolhida, do 3º ano do Curso Técnico de Nível Médio Integrado em Eletromecânica, formada por 19 alunos. A idéia original era trabalhar com uma média inicial de dois livros por aluno. Conforme mais livros foram sendo incorporados ao acervo (em junho de 2008, o projeto já contava com 90 livros), a caixa foi ficando pesada. Por isso, uma estante móvel, com capacidade para 120 livros, além de revistas, folhetos de cordel, gibis, etc, foi projetada e construída para que o material de leitura pudesse ser transportado facilmente, pois a estante contém rodinhas (Figura 1). Interessante observar que o deslocamento da estante desperta muita curiosidade; os alunos, pelos corredores da escola, se aproximam para ver os livros. O acervo foi montado a partir de uma verificação de gêneros prediletos do público jovem.



Figura 1 – Estante móvel desenvolvida para o Projeto *Caixa da Leitura*.

2.1. Humor

Ao serem questionados, na pesquisa realizada na UNED-Floriano, sobre a importância da leitura nas suas vidas, praticamente todos os alunos responderam que liam para obter conhecimento, melhorar a escrita, falar melhor e aumentar o vocabulário. Não houve a associação da leitura ao lazer, ao entretenimento, ou seja, não foi vislumbrada a possibilidade de ser a leitura uma fonte de diversão e prazer. Por isso, na escolha dos livros a constar no projeto, foi considerada a possibilidade de os alunos serem atraídos por temas que não somente os instruissem, mas que também os divertissem. Então, autores contemporâneos que utilizam o humor, com linguagem acessível ao público jovem, foram escolhidos, tais como Luis Fernando Veríssimo (“Comédias da vida privada”, “Ed Mort”, “Comédias para se ler na escola”, “O suicida e o computador”), Fernando Sabino (“O homem nu”, “A companheira de viagem”, “Deixa o Alfredo falar”), Paulo Mendes Campos (“Balé do pato e outras crônicas”), Stanislaw Ponte Preta (“Gol de padre e outras crônicas”), etc. Obviamente, pela escolha dos autores, pode ser verificado que, embora voltados ao entretenimento, os livros escolhidos contêm textos literários refinados. Durante o projeto, foi observado que, no gênero humor, o escritor favorito dos jovens foi Luis Fernando Veríssimo.

2.2. Aventura, mistério e amor

Em geral, o público jovem gosta de histórias que tenham aventura e mistério (DIETRICH, 2007, p.2). Para o público jovem masculino, há certa preferência por histórias que contenham investigação, as chamadas histórias de detetive. Por isso, foi escolhida principalmente a obra de Arthur Conan Doyle, com as histórias de Sherlock Holmes (“Um estudo em vermelho”, “O signo dos quatro”, “Um escândalo na Boêmia e outras histórias”, “Os seis bustos de Napoleão e outras histórias”). A procura pelos garotos foi muito grande. Considerando que o público jovem feminino gosta de histórias que tratem de afetividade e relações amorosas, consideradas histórias de amor ou “românticas”, e sobretudo poesias, foram escolhidos vários autores – Pablo Neruda (“Cem sonetos de amor”), Márcia Kupstas (“Clube do beijo”), Marisa Raja Gabaglia (“Casos de amor”), Ana Maria Machado (“Para sempre: amor e tempo”) – com o intuito de atrair a atenção do público feminino. A pesquisa Retratos da Leitura no Brasil alerta que a poesia, em muitos estados brasileiros, chega a superar até os livros religiosos na preferência dos entrevistados, embora aparentemente exista uma dificuldade para a publicação do gênero no Brasil. Importante observar que muitos garotos também se interessam por histórias de amor ou “românticas” e poesias.

2.3. Livros didáticos

Foram escolhidos livros que pudessem tratar do desenvolvimento físico-psicológico do jovem, voltado especificamente para cada gênero. Da coleção Melhoramentos, foram disponibilizados os livros “Coisas que toda garota deve saber” (Samantha Rugen), “Coisas que toda garota deve saber sobre garotos” (Kara May), “Mais coisas que toda garota deve saber” (Antônio Carlos Vilela), “Coisas que todo garoto deve saber” (Antônio Carlos Vilela), “Coisas que todo garoto deve saber sobre garotas” (Peter Corey), “Armando a barraca: coisas que todo mundo quer saber sobre o piu-piu, o pênis, o pinto...” (Nick Fisher). Esses livros fizeram o maior sucesso, despertando consideravelmente a curiosidade juvenil. Também foram escolhidos livros que tratassem da problemática das drogas (“Álcool: é ou não droga”, de Catherine O’Neil, “Drogas – ações e reações”, de Gesina L. Longenecker).

2.4. Auto-ajuda

Um aluno, após ler um livro de Paulo Coelho (“As Valkírias”), foi à biblioteca verificar se havia livros do autor, mas nada obteve. Existe um preconceito muito grande nas escolas com relação ao livro chamado “auto-ajuda”, em geral com uma temática espiritualizada. No entanto, se o objetivo é encaminhar o aluno à leitura, quaisquer livros são muito bem-vindos. O importante é que o estudante se familiarize com a linguagem escrita, comece a observar como os escritores utilizam a palavra para contar uma história. Desta forma, ao entrar em contato com outro autor, e ao comparar formas diferentes de narração, o aluno cresce como leitor, aperfeiçoa-se criticamente.

No projeto, não houve restrições quanto ao gênero. Os jovens buscam um caminho espiritual, filosófico. Questionam a existência, fazem perguntas, querem respostas, ou um mero consolo diante do que não pode ser respondido. Por isso, livros com uma temática mais espiritualizada são colocados à disposição dos alunos. Além do livro citado anteriormente, há também, do escritor Paulo Coelho, os livros “O diário de um mago” e “O alquimista”. Também há livros do Dalai Lama (“Palavras de Sabedoria” e “Ética para o novo

milênio”). Para evitar quaisquer tipos de preconceito, os livros denominados de “auto-ajuda” são classificados como “romance”, quando ficção, ou “filosofia”, quando não-ficção.

3. EMPRÉSTIMO DE LIVROS

A pesquisa na UNED-Florianópolis mostrou que 95% dos alunos, de livre e espontânea vontade, não iam à biblioteca para emprestar livros literários. Embora 90 % dos municípios brasileiros possuam pelo menos uma biblioteca pública, a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, do Instituto Pró-Livro, mostra que 66 % dos entrevistados desconheciam a existência de uma biblioteca pública em sua cidade, e somente 10 % afirmaram frequentar assiduamente tal espaço. Torna-se evidente que as bibliotecas públicas precisam buscar leitores, organizar eventos em torno do livro e da leitura. Uma das maneiras seria levar os livros até os leitores, apoiar e multiplicar projetos que se baseiem no deslocamento de materiais de leitura para pontos estratégicos, em que haja potencialmente leitores (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2008, p. 16). É preciso facilitar o acesso do leitor ao livro. Na UNED-Florianópolis, até o primeiro semestre de 2008, os alunos não podiam chegar diretamente ao livro, os quais ficavam por trás de um balcão, zelados por uma bibliotecária e sua equipe. O contato com o livro é importante. Ao andar entre estantes, folheando livros escolhidos aleatoriamente entre prateleiras, o leitor pode se defrontar com um livro que lhe proporcionará uma experiência de vida significativa – pois o livro tem o poder mágico de nos proporcionar a surpresa, de nos instigar à curiosidade. O aluno, ao escolher um livro entre prateleiras, também exerce o direito de escolher um título, de forma independente, sem indicação de um professor: a sensação de liberdade que os jovens tanto adoram sentir.

No Projeto *Caixa da Leitura*, os livros, disponibilizados na estante móvel (Figura 1), são emprestados aos alunos, mas por no máximo 15 dias, para que possam logo retornar e servir a outros alunos. Durante os dois meses e meio de duração do projeto, foram emprestados 80 livros (praticamente quatro livros por aluno, quase dois livros por mês). Interessante observar que os próprios alunos acabam fazendo propaganda de um livro, quando a leitura os agrada. Ao devolverem o livro, em geral já existe um colega que vem junto para o empréstimo, ou seja, o livro é, muitas vezes, passado de mão em mão. Foi observado que, nos corredores, no “recreio coberto”, muitos alunos estavam com os livros emprestados, lendo. Alunos de outras turmas tomavam conhecimento do livro, do projeto, e também solicitavam o empréstimo.

Com base na ação de empréstimo de livros, houve encontros para *Contação de Histórias*. Grupos formados por, no máximo, quatro alunos leram e apresentaram uma história. O livro utilizado poderia ser do projeto ou de fora, mas preferencialmente do projeto, para que fosse despertado nos outros o interesse pela leitura de um livro facilmente acessível. O objetivo principal era que todos pudessem ler a mesma história e que apresentassem as suas impressões. Importante destacar o interesse pelo folheto de cordel. Na *contação* realizada, entre os cinco grupos estabelecidos, dois escolheram trabalhar com o folheto. A linguagem acessível e os contos engraçados despertam grande interesse nos jovens.

Os alunos foram estimulados a descobrir de que trata, essencialmente, cada história. Por exemplo, no folheto “O cavalo que defecava dinheiro”, de Leandro Gomes de Barros, os alunos destacaram que a história tratava basicamente da ambição; no folheto “Antônio Cobra Choca”, eles falaram sobre a valentia. No romance adaptado “Os miseráveis”, de Victor Hugo, eles destacaram que a trama estava baseada na obsessão, na generosidade e na descrença em relação à mudança ética humana. Os vícios e as virtudes humanas observados nos textos lidos foram destacados e discutidos abertamente, com os alunos e o professor-mediador. Uma conversa franca sobre as impressões causadas por um determinado livro sobre um aluno é uma maneira bastante interessante de realizar uma avaliação de leitura – poderia ser considerada uma prova oral. De maneira informal, relaxada, o professor-mediador pode questionar o aluno sobre o que ele mais gostou no livro, a experiência de vida que apreendeu dos personagens, as lições que aprendeu no livro, etc.

O professor-mediador assumiu a responsabilidade de realizar a propaganda de vários livros que conhecia e que, desde o início, iam sendo incorporados ao projeto, por meio de compras ou doação. A idéia era não somente *desenvolver* no aluno a habilidade e a competência para a leitura, mas principalmente *envolver* o aluno com o gosto pela leitura. Para isso, é importante que seja criada uma relação entre os livros e o aluno, para que este tenha vontade de ler e curiosidade acerca do que os livros têm a dizer – e esta relação é criada e aperfeiçoada se forem compreendidas as circunstâncias em que se estrutura, na escola e fora dela (KLEBIS, 2006, p.35).

4. LABORATÓRIO DE REFLEXÃO

O Laboratório de Reflexão foi criado a partir da observação do educador Paulo Freire de que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não pode prescindir da continuidade da

leitura daquele” (FREIRE, 2000, p. 11). Logo, não se pode desprezar a própria leitura inata que o leitor tem do mundo, antes de entrar em contato com um livro. A sua relação com a realidade que o cerca estabelecerá a sua relação com o livro. Por isso, a intenção era estimular a curiosidade dos alunos pela realidade que os cerca, por meio de documentários que retratassem questionamentos próprios da existência humana.

Mensalmente, um documentário era exibido para que houvesse um debate. Em geral, era realizada uma discussão prévia, ou seja, antes do dia da exibição, o tema do documentário era abordado (oralmente e, quando necessário, de forma escrita). Por exemplo, antes da exibição do documentário “A janela da alma”, de João Jardim e Walter Carvalho, com término de produção em 2001, o qual trata da forma como algumas pessoas que apresentam algum tipo de problema de vista vêem o mundo, foi solicitado que os alunos escrevessem sobre o significado do ver. Alguns pontos de reflexão foram levantados: a) o ver e o olhar são a mesma coisa? b) o mundo percebido, na idade adulta, é o mesmo da infância? c) como o cego vê o mundo? d) como a imaginação e o sentimento estão relacionados com a nossa capacidade de ver o mundo? De uma forma geral, foi verificado que, por estar relacionado a um tema do cotidiano, a visão, houve uma reflexão crítica por parte dos alunos, os quais elaboraram textos muito significativos. O documentário serviu para que professores de várias áreas pudessem atuar conjuntamente. Considerando que foi realizado com base em um livro do escritor português José Saramago (“Ensaio sobre a cegueira”) e numa afirmação de Leonardo da Vinci, o qual disse que os olhos são a janela da alma, uma apresentação do documentário no auditório da escola permitiu que professores de três áreas distintas (Literatura, Filosofia e História) pudessem realizar um debate com os alunos. Em Literatura, foi realizado um comentário sobre a obra de Saramago, mais especificamente o romance “Ensaio sobre a cegueira”, escrito em 1995. Uma forma de despertar o interesse dos alunos pelo autor e sua obra. Na Filosofia, foi discutido o Mito da Caverna de Platão, o qual é citado no documentário, por ser referência para Saramago escrever a obra. Na disciplina História, foi discutida a inclusão nos dias atuais, para alunos deficientes visuais.

Outro documentário trabalhado com os alunos foi o “Pro dia nascer feliz”, de João Jardim, com término de produção em 2006, o qual retrata a realidade das escolas brasileiras sob a ótica dos professores e, principalmente, dos alunos. Problemas comuns da juventude, vivenciados em salas de aula nos dias atuais, são apresentados, tais como a desmotivação para o estudo, as dificuldades de acesso a um ensino de boa qualidade, nas escolas públicas, a sexualidade, o problema das drogas e da violência, a depressão, etc. Após a apresentação do documentário, foi realizado um debate, em que foram discutidos problemas sociais e educacionais contextualizados, e foi solicitado, de forma orientada, que os alunos escrevessem suas observações sobre a problemática apresentada no documentário, no contexto da escola em que estudavam.

O Laboratório de Reflexão permite que a própria leitura seja questionada. Ao serem indagados sobre o que achavam da avaliação de leitura realizada pela escola (em geral, provas escritas baseadas em algum livro paradidático), os alunos disseram que deveria ser repensada, pois era ineficiente. As próprias professoras de Língua Portuguesa admitiram que a maioria dos alunos não lê os livros recomendados. Para a realização da prova, os alunos realizam leitura de resenhas ou resumos adquiridos na internet. A pesquisa Retratos da Leitura no Brasil mostra que, dentre as práticas, citadas pelos professores não-leitores, responsáveis por desestímulo à leitura, estão a produção contínua de resumos de obras literárias, o fichamento de livros, a utilização de textos como pretexto para o ensino da gramática, as provas de livros e os questionários de interpretação de textos. Na UNED-Florianópolis, muitos alunos entrevistados sugeriram que avaliação da leitura fosse realizada por meio de uma prova oral ou por meio de debates de leitura.

5. CINEMA ADAPTADO

A idéia do Cinema Adaptado partiu de uma sugestão do escritor Ariano Suassuna, o qual acredita que uma forma interessante de estimular a leitura dos jovens seria exibir, previamente, uma adaptação audiovisual de uma obra literária, e, depois, colocar-lhes à disposição o livro (ARIANO..., 2007). A metodologia empregada na ação Cinema Adaptado foi a seguinte: o filme era anunciado três semanas antes, e o livro do qual foi originado era apresentado aos alunos, com um breve comentário sobre a sua história e o seu autor. Uma chamada era realizada na escola, por meio de cartazes contendo uma sinopse e a ficha técnica do filme (a sessão era aberta para todos), inclusive indicando o livro que o originou. Antes da sessão no auditório (o nome Cinema Adaptado surgiu não somente por ser o filme uma adaptação de uma obra literária, mas, principalmente, porque o ambiente – um auditório com imagem digital produzida por DVD projetada por meio de um equipamento *data show*), era realizada uma pequena apresentação da obra, destacando as semelhanças e as diferenças existentes entre a obra original (literária) e a obra adaptada (cinematográfica).

Foram trabalhados três livros com adaptações cinematográficas: “Fernão Capelo Gaivota”, de Richard Bach, “O Carteiro e o Poeta”, de Antonio Skármeta e “*Rumble Fish – O Selvagem da Motocicleta*”, de Susan E. Hinton. Apesar de os alunos terem gostado dos filmes, foi observado que, em geral, após a exibição da obra cinematográfica, poucos se interessavam em ler o livro. Questionados sobre o porquê, responderam que perdiam o interesse pela leitura, pois já “conheciam a história”. Foi enfatizado que o mais importante, em qualquer tipo de obra (literária ou cinematográfica), não é necessariamente a história, mas sim as emoções que os personagens poderiam proporcionar ao leitor, ou seja, a experiência de vida contida na obra, a qual permitiria ao leitor significações com interpretações diversas, de acordo com a sua sensibilidade (MARCELINO, 2003, p.18). No entanto, apesar de certo apelo ter sido realizado, para que pudessem ler o livro e comparar com o filme, pois a versão audiovisual é a visão de poucas pessoas (roteiristas e diretor) sobre um determinado livro, de uma forma geral a ação “Cinema Adaptado” não conseguiu cumprir bem seu objetivo principal: instigar a curiosidade de muitos alunos pela obra original (o livro). Uma metodologia nova deverá ser utilizada, para instigar mais a curiosidade dos alunos pelos livros. Por exemplo, os alunos gostaram muito do filme “Fernão Capelo Gaivota”, o qual tem como tema principal a liberdade, no entanto não houve interesse, por parte de nenhum dos 19 alunos da turma do 3º ano de Eletromecânica, em ler o livro, nem antes nem depois da exibição do filme. Na obra “O Carteiro e o Poeta”, uma história de iniciação à leitura, dois alunos leram o livro antes do filme e um depois da exibição. Já “O Selvagem da Motocicleta”, obra que trata da violência e da falta de perspectiva que permeiam a vida de dois irmãos, um aluno procurou o livro antes da exibição do filme, e um outro depois da exibição.

Importante frisar que a existência de somente um exemplar dos livros da ação “Cinema Adaptado” também não contribui para que muitos alunos, mesmo que quisessem, pudessem lê-los. Por isso foram escolhidos romances que, além de despertar o interesse no público jovem, não possuíssem muitas páginas (os livros não chegam a ter 150 páginas), para que, desta forma, ficassem pouco tempo emprestados. No entanto, talvez fosse interessante disponibilizar ao menos três livros de mesmo título, para cada filme exibido.

6. CONCLUSÃO

Projetos de incentivo e de valorização da leitura podem ser executados a partir de idéias simples e inovadoras, a um custo relativamente baixo. Ao disponibilizar 15 minutos de aula e livros interessantes para um público jovem, foi observado, em uma disciplina de formação específica (Sistemas Eletro-hidráulico-pneumáticos) do 3º ano do Curso Técnico de Nível Médio Integrado em Eletromecânica do CEFET-PI / UNED-Floriano, um significativo aumento de interesse dos alunos pela leitura de livros literários. O professor-mediador atuou como um multiplicador da leitura, considerando que, antes do projeto, boa parte dos estudantes não se interessava por leitura de livre e espontânea vontade (praticamente dois livros por mês começaram a ser lidos pelos alunos, após a execução do projeto). Foi observado que o interesse e a paixão pela leitura do professor-mediador representam papel importante no processo de envolvimento dos alunos com os livros. Para criar um *envolvimento* com a leitura, os alunos precisam identificá-la com a própria vida, em sintonia com a realidade que os cerca. Caso contrário, a leitura somente será entendida como um mecanismo para *desenvolvimento* de competências e habilidades que permitam um acesso meramente intelectual com o livro, o qual proporcionará o contato com novos conhecimentos, sem ao menos identificá-los como experiências de vida.

Ações de valorização da leitura foram sendo executadas, tendo como preceito os quatro elementos básicos da linguagem (fala, audição, leitura e escrita). Neste aspecto, duas experiências, vinculadas à leitura da palavra e do mundo, foram bem sucedidas. A ação intitulada Laboratório de Reflexão permitiu que fosse estabelecida uma leitura crítica da realidade, como pressuposto de que a leitura da palavra também deve ser realizada de forma crítica, para que um ser humano mais criativo (transformador) surja ao final da leitura de um livro. Já a ação denominada Cinema Adaptado foi desenvolvida para que os alunos pudessem analisar e comparar uma obra audiovisual com a obra literária que a originou. Apesar de a procura pelos livros que originaram as obras audiovisuais não ter sido suficientemente grande, acredita-se que a ação possa ser melhorada, se mais livros forem disponibilizados, e se um maior esclarecimento para os alunos for realizado em relação à importância das experiências de vida contidas em um livro, para que não fiquem atentos somente à “história do livro”.

Talvez o mais importante seja frisar que as atividades de leitura desenvolvidas por professores de Língua Portuguesa não estão sendo suficientes para envolver verdadeiramente os jovens com os livros literários. O trabalho de incentivo e de valorização da leitura deve inserir o maior número de professores possível, de várias áreas de formação diferentes. O envolvimento com leitura, dentro e fora da escola, começará quando

professores de áreas distintas, de formação geral ou específica, tornarem-se incentivadores, mediadores e multiplicadores de leitura.

REFERÊNCIAS

ARIANO Suassuna: *Cabra de Coração e Arte ou O Cavaleiro da Alegre Figura*. Roteiro e Direção: Claudio Brito. Produção de Claudio Brito e João Carlos Beltrão. Paraíba: CEFET-PI / UNED-Florianópolis & CEFET-PB, 2007. DVD (49 min): NTSC, *widescreen*, color.

DIETRICH, Julia. **Jovem gosta de ler, mas acesso a livros é difícil**. Aprendiz, 11 jul. 2007. Disponível em: <<http://aprendiz.uol.com.br>>. Acesso em: 30 maio 2007.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 39 ed. São Paulo: Cortez, 2000.

GUIMARÃES, Ana. **Escola paranaense valoriza a leitura**. Portal do Ministério da Educação (MEC), 17 dez. 2007. Disponível em: <<http://www.mec.gov.br>>. Acesso em: 15 maio 2007.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO (Brasil). **Retratos da leitura no Brasil**. 2 ed. São Paulo, 2008.

KLEBIS, Carlos Eduardo de Oliveira. **Leitura e envolvimento: a escola, a biblioteca e o professor na construção das relações entre leitores e livros**. 2006. 155 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

MARCELINO, Fernanda Torresan. **“O ler por prazer”: a construção de uma forma de entendimento da leitura nos anos 80**. 2003. 177 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

PIMENTEL, Cláudia. Incentivo à leitura – arte ou profissão? In: Congresso de Leitura do Brasil (COLE), 16, 2007, Campinas. **Anais...** Campinas-SP: UNICAMP, 1 CD-ROM.